

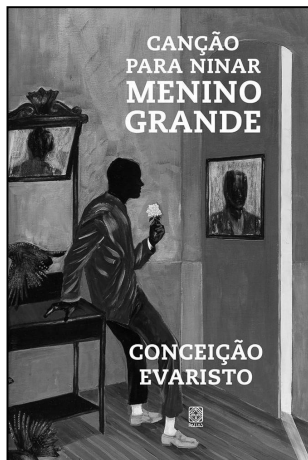
Canção para ninar menino grande

Carlos Eduardo Brefore Pinheiro⁹⁵

Resenha de: EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande.** Rio de Janeiro: Pallas, 2025.

Xavier era um homem truculento e sanguíneo. Muito forte esse homem. Adorava tangos. Foi ver *O último tango em Paris* e excitou-se terrivelmente. Não compreendeu o filme: achava que se tratava de filme de sexo. Não descobriu que aquela era a história de um homem desesperado. (LISPECTOR, 1998, p. 21)

Foi inevitável relembrar o conto “O corpo”, de Clarice Lispector, publicado na coletânea **A via crucis do corpo**, de 1974, quando eu estava já nas últimas páginas da novela **Canção para ninar menino grande**, de Conceição Evaristo, publicada em 2022. Tal comparatismo entre os textos das duas escritoras ganhou maior potência quando fui resgatando elementos da crítica psicanalítica aplicada à literatura, sobretudo aquilo que foi postulado por Sigmund Freud em seu ensaio “Além do princípio de prazer”, a saber: os princípios de prazer e realidade e as pulsões de vida e morte. Nesse momento, a novela, que durante boa parte de minha leitura não chegou a causar grande deleite, passou a um novo patamar, merecendo uma apreciação mais pormenorizada de sua construção estético-formal.



⁹⁵ Mestre em Teoria da Literatura pela UNESP – São José do Rio Preto. Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Desenvolveu pesquisa em nível de pós-doutorado sobre a obra de Clarice Lispector junto ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. Presidente da Academia Araçatubense de Letras. Professor de Literatura.

Mas vamos à trama. Trata-se da história de um homem, Fio Jasmim, apelidado de “Príncipe Negro”, que, de sua entrada na vida adulta à velhice, envolve-se com várias mulheres, tornando-se um misto de Don Juan e Casanova. Casado com Pérola Maria, Fio, ajudante de maquinista de trem, viaja por diversas cidadelas ficcionais, conhecendo e se envolvendo com inúmeras mulheres: Juventina Maria Perpétua, Neide Paranhos da Silva, Angelina Devaneia da Cruz, Aurora Correa Liberto, Antonieta Véritas da Silva, Dolores do Santos, Dalva Amorato e Eleonora Distinta de Sá. Se com a esposa Fio tem uma dezena de filhos, juntar-se-ão a estes os outros, que ele vai tendo com inúmeras de suas amantes. Com algumas o envolvimento é duradouro, com outras é curto, e até mesmo há relações que duram não mais do que uma noite. Uma comete suicídio, outra quer dele apenas um filho e nenhum compromisso, outra pensa em matar a esposa de Fio, mas volta atrás em seu intento assassínio, e há até mesmo a que socializa com a esposa legítima, com todos os filhos brincando juntos. Assim Fio Jasmim passou pela vida.

Mas a novela não é só isso. Há muitas camadas ali que precisam ser revolvidas para de fato experimentarmos o prazer da apreciação estética da obra em sua estrutura. Começando por uma espécie de prefácio, intitulado “Das minúcias ao engrandecimento”, no qual a narradora-autora nos alerta sobre a sua forma de narrar ou, antes, contar essa história:

Creio mesmo que não devemos desprezar as minúcias de um relato, se quisermos nos aproximar o mais possível da história em sua totalidade. E por que digo quase? Porque, por minhas andanças nos caminhos da escuta e do contar, sinto, depois, que pedaços da matéria-prima, do relato original, vão se perdendo pelos caminhos. (Evaristo, 2025, p. 7)

Essa voz narrativa em primeira pessoa – voz feminina que assume o status de “narrador-testemunha” – é uma figura anônima sobre a qual sabemos pouco: basicamente ela é amiga de algumas das personagens. E o mais importante: ouviu delas o relato que foi transformado em escrita literária: “Repito, não sei se a falha foi de Juventina ao me contar ou se me desatentei em algum momento da escuta.” (Evaristo, 2025, p. 8).

Outro aspecto interessante da construção da intriga é o fato de Fio Jasmin, apesar de ser o protagonista, desaparecer entre uma cena e outra, quando a narradora se volta para a história particular de cada uma das mulheres que entrarão em contato com ele, muitas vezes de forma lenta e pormenorizada, resgatando fatos referentes a pais e avós, criando, em cada uma delas, um microcosmo que será tocado, desorganizado e reorganizado a partir da chegada de Fio. Isso provoca uma sensação de adiamento do desvelar pleno da figura do protagonista, tanto em sua biografia quanto em seu perfil psicológico. Perfil esse que nos chega apenas como hipótese, a partir da avaliação que a narradora faz de Fio tendo como base a complexa teia de relações que ele vai estabelecendo com cada figura feminina. Aqui vale ressaltar o porquê insisto no termo “novela” para me dirigir à narrativa, mesmo que em sua ficha catalográfica apareça a expressão “romance”. Uma novela que, em verdade, resvala as fronteiras de outro gênero – o conto. Cada um desses quadros, isto é, cada um desses dramas femininos individuais, bem poderia figurar como uma história independente, formando, toda a trama, um conjunto de contos em que o ponto de conflito é sempre o mesmo: a ação de Fio Jasmim. Assim, vamos atravessando a narrativa, de cena em cena, de quadro em quadro, de mulher em mulher, de dilema em dilema, mas sempre voltando ao mesmo tópico: a construção social da masculinidade.

Com isso, o título da obra, que possui um referente concreto, a saber, a peça musical que Juventina compõe em homenagem a Fio, ganha uma complexidade maior quando vista pelo prisma metafórico da ironia: Fio Jasmim atravessou a vida como um “menino grande”, isto é, como alguém que não chegou de fato a amadurecer. E isso o impede de construir relações afetivas mais sólidas e saudáveis. O próprio nome do personagem (o termo coloquial para se dizer “filho”) já aponta para esse simbolismo, associando-se às ideias de permanência, dependência e imaturidade. De acordo com a pesquisadora Maria Paula de Jesus Correa, da USP: “Fio é esse sujeito que, encapsulado em grande solidão, experimenta o machismo que o impede de esboçar qualquer afeto.” (Correa, 2025, p. 1). Diz ela ainda que: “Fio Jasmim é o fio-corte de um instrumento, é também jasmim-flor, associado à sensualidade e ao erotismo do perfume dessa flor, que melhor se revela à noite.” (Correa, 2025, p. 1). O menino que

foi preterido para o papel de príncipe em uma encenação escolar passará a vida vivendo eternamente o mesmo papel: “Se naquele dia, quando tinha apenas oito anos de idade, a professora, Dona Celeste, depois de ter contado a história da Cinderela, impediu que ele encarnasse o papel de príncipe, chamando, para o jogo cênico, um menino loiro, ele agora poderia ser tudo!” (Evaristo, 2025, p. 8). O passado é eternamente reposto no presente em uma repetição que nos leva às teorias freudianas.

De acordo com Freud, o princípio de prazer está ligado ao princípio de constância, pois a satisfação nunca é plena: o homem constantemente busca algo que lhe provoque alguma forma de prazer temporário, visto que a satisfação plena seria a própria morte. Porém, para a saúde psíquica do homem, o princípio de realidade coíbe o princípio de prazer, visto que não se pode ter prazer a todo momento. Assim é a vida humana. Isto denota a maturidade do homem – viver é criar responsabilidades, é a tolerância temporária do desprazer e o adiamento da satisfação. Mas se Eros, a pulsão de vida, unifica pelo prazer, ela também normatiza. Daí a trajetória de Fio Jasmim ser uma eterna repetição da busca pelo prazer sexual: o personagem dá vazão, mas não supera a ausência, isto é, aquilo que falta, que não pode ser satisfeito pelo simples prazer carnal:

Apesar de as conversas de Jasmim com outros homens girarem sempre em torno das mulheres, ele, como grande parte de seus amigos, pouco sabia sobre elas. Fio, por exemplo, nunca tinha buscado dentro dele as mulheres que viviam em seus dias. Que lugar elas ocuparam na vida dele? Onde as mulheres de Jasmim habitavam nele? No entremeio do corpo dele? No entremeio dele todo como pessoa, como homem? (EVARISTO, 2025, p. 123)

Porém, se a pulsão de vida normatiza por unificar, a pulsão de morte liberta, por tirar o homem do seu cotidiano, havendo então a possibilidade de criar algo novo ou sublimar o trauma vivido. Fio não construiu nada. Passou pela vida numa eterna excitação de objeto em objeto, de relação em relação, de mulher em mulher. Caberá ao elemento feminino criar algo a partir da pulsão de morte, isto é, a ausência de Fio ainda em vida ou sua morte de fato. É nesse sentido que ganha relevo a composição musical elaborada por Juventina em ho-

menagem a seu antigo amante, justamente ela que dá título à obra. Não à toa ela é uma das poucas mulheres que abandona Fio: “Juven-tina Maria Perpétua resolveu deixar Fio Jasmim, não porque o amor dela por ele tivesse acabado. Mas porque ela queria entender a profundidade daquele sentimento” (Evaristo, 2025, p. 127). Maior relevo ainda ganha a própria construção da novela enquanto um mosaico de relatos ouvidos pela narradora das bocas de boa parte das mulheres que passaram pela vida de Fio, transformando, em um ato de sororidade, os dramas, as mágoas e as desilusões de cada uma delas em obra de arte – numa forma de sublimação da dor que as une. Dor eternamente reposta ao elemento feminino em uma sociedade alicerçada em uma cultura machista.

REFERÊNCIAS

CORREA, Maria de Paula Jesus. **Pesquisadora da USP analisa “Canção para Ninar Menino Grande”, livro de leitura obrigatória da Fuvest.** Disponível em:

<https://jornal.usp.br/universidade/pesquisadora-da-usp-analisa-cancao-para-ninar-menino-grande-livro-de-leitura-obrigatoria-da-fuvest/>. Acesso em: 10 mar 2026.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande.** Rio de Janeiro: Pallas, 2025.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo.** São Paulo: Rocco, 1998.